

Pessoas bem-sucedidas são aquelas que nunca deixam o fracasso interrompê-las: as lições de um ex-astronauta da Nasa

Em ‘Moonshot: lições de um astronauta da Nasa para alcançar o impossível nos negócios e na vida’, Mike Massimino aborda persistência, trabalho em equipe e inovação

Por **João Luiz Rosa** — de São Paulo
29/01/2026 05h12 · Atualizado há 2 horas



Presentear matéria



“A partir do momento em que você deixa que o problema o paralise, aí sim você está em apuros”, diz Massimino — Foto: Felix Kunze/Divulgação

Mike Massimino, ex-astronauta da Nasa que realizou quatro caminhadas espaciais para consertar o telescópio Hubble, carrega uma perspectiva do Brasil que poucos terão a chance de compartilhar algum dia. Ele veio ao país apenas uma vez, em 2019, mas dez anos antes viveu uma epifania ao contemplar, do espaço, as dimensões e os contornos do território brasileiro, uma imagem que nunca esqueceu. “É muito bonito”, conta, entusiasmado.

Professor da Universidade Columbia, em Nova York, onde nasceu e vive atualmente, Massimino é autor de “Moonshot: lições de um astronauta da Nasa para alcançar o impossível nos negócios e na vida”, mais recente título do selo editorial Livros de Valor, lançado pelo Valor e Globo Livros. Em quase 200 páginas, ele narra como superou limitações pessoais para ingressar no programa americano de

carreira.

“A lição mais importante é o valor das pessoas e da comunicação entre a equipe, o que significa cuidar uns dos outros, se importar com o grupo e fazer coisas juntos. É isso que torna a vida interessante: o relacionamento com as pessoas ao redor”, diz o autor.

Como muitos garotos, Massimino sonhava ser astronauta desde a infância. A paixão veio com a chegada da humanidade à Lua, em 1969, na missão Apolo XI, quando ele tinha seis anos de idade. Neil Armstrong, primeiro homem a pisar no solo lunar, tornou-se seu herói e fonte de inspiração. “Desde então sou apaixonado pelo programa espacial”, comenta.

Ingressar na Nasa, como seria de esperar, não foi tarefa fácil. Depois de duas inscrições rejeitadas, Massimino conseguiu uma entrevista na terceira tentativa, em meados dos anos 90. Seus olhos, porém, o traíram. Com a visão deficiente desde a adolescência, ele acabou desqualificado durante os testes físicos extenuantes a que os candidatos eram submetidos. Parecia definitivo, mas ele não desistiu.

“Você sempre deve ter um sonho. E se não der certo, tem de encontrar outro. De qualquer forma, eu seria muito cuidadoso em desistir [dos meus objetivos]. Enquanto você estiver tentando, sempre existe uma chance”, diz. É o que ele chama da regra do “um em um milhão não é zero”. Ou seja, se há uma oportunidade, mesmo ínfima, há esperança de batalhar para conquistá-la. “Se for realmente seu sonho de vida, não acho que você possa desistir dele.”

Para passar no exame oftalmológico, Massimino experimentou uma série de procedimentos e tratamentos — alguns bem heterodoxos — até ser aprovado. Depois, teve de aprender a nadar às pressas para superar provas de resistência duríssimas realizadas embaixo d’água. Sem nunca ter dado uma braçada antes, a comparação com os colegas experientes tornou-se uma fonte de preocupação, mas ensinou lições valiosas.

“Se você se encontra numa situação em que não está se saindo bem — seja na escola, no trabalho ou em outro lugar —, entenda: ninguém é bom em tudo”, diz. A primeira coisa é aprender dominar a habilidade que falta e que é necessária à missão, para não comprometer o grupo. E quando isso não é o suficiente, a orientação é simples: “Peça ajuda!”.

“[No treinamento] eu levantei minha mão para dizer que não era um nadador forte porque eu atrasaria o resto da equipe. Sempre tentava obter ajuda da pessoa mais indicada para me ajudar — às vezes um colega, às vezes um instrutor”, conta o ex-astronauta. “Você só precisa de um tempo extra, mas o problema não vai desaparecer sozinho. É preciso enfrentá-lo e recorrer às pessoas, da mesma forma como você auxiliaria os outros. Elas vão ajudar.”

Lidar com os próprios erros é outra habilidade importante, afirma Massimino. Em uma de suas caminhadas espaciais, no voo STS-125, ele arrancou por acidente o parafuso de um corrimão enquanto tentava consertar o espectrógrafo de imagens do Hubble, uma ferramenta

dos 30 segundos”.

“Se culpe, xingue a si mesmo, o que for, e só para você. Faça isso por 30 segundos. Depois, siga em frente. Pessoas bem-sucedidas são aquelas que nunca deixam o fracasso interrompê-las. Todo mundo tem reveses. Mas a partir do momento em que você deixa que o problema o paralise, aí sim você está em apuros. Vá adiante.”

O mais importante é não tornar as coisas piores, alerta Massimino. No livro, ele apresenta a Lei de Hoot, cunhada pelo veterano das viagens espaciais Robert “Hoot” Gibson: “Não importa quão ruins as coisas estejam, você sempre pode piorá-las”. Na pressa para corrigir um erro, a pessoa age sem pensar e acaba cometendo uma falha maior ainda, explica o escritor. “É uma armadilha. Frequentemente exageramos [na reação ao erro que cometemos]. Isso pode piorar a situação.”

Fã de João Gilberto e Tom Jobim, Massimino também gosta de cinema, principalmente de filmes sobre incursões no espaço, como “Os Eleitos” (1983), “O Primeiro Homem” (2018) e “Apolo 13: Do Desastre ao Triunfo” (1995), seus favoritos. O próprio ex-astronauta se popularizou nas telas com aparições na série de TV “The Bing Bang Theory”, em que interpretou a si mesmo.

Desde 2014 como professor do Departamento de Engenharia da Universidade Columbia, ele costuma acordar cedo porque se considera mais produtivo pela manhã e porque o cachorro o tira da cama para passear. Fã de musicais, gosta de frequentar a Broadway com a mulher. A peça mais recente, que o casal viu há duas semanas, foi “Maybe Happy Ending”, estrelada pelo ator Darren Chris, da série “Glee”. “Gostamos muito.”

É uma vida muito diferente da que ele vivia quando era astronauta. “Sinto falta o tempo todo”, diz ele sobre os velhos tempos. “Sinto falta de voar em nossos aviões, das simulações e do centro de controle. E, claro, de voar no espaço e me preparar para uma missão. Sinto uma falta terrível.”

Apesar da nostalgia, é preciso saber a hora de mudar e procurar novos interesses, ajustando-se às situações de vida com gratidão, diz Massimino. Além da família e da vida acadêmica, ele ministra conferências nos Estados Unidos e em várias partes do mundo, participa de reportagens e tem outros planos para o futuro. Os projetos incluem escrever outro livro, talvez algo ilustrado para crianças, e emplacar o roteiro de uma série de TV. “Gosto da ideia de uma comédia ou de um programa que traga lições significativas de forma implícita, mas que também entretenha.” Ele conta que já tentou isso no passado, depois de reunir alguns roteiristas amigos, sem sucesso. “Continuamos a tentar. E continuamos a esbarrar em mais obstáculos. Mas, enquanto tentamos, nos divertimos juntos.”

Próxima >